

Biblioteca Anarquista



Israel é Pioneiro em Novos Métodos de Genocídio

Matando por Algoritmo

Peter Gelderloos

Peter Gelderloos
Israel é Pioneiro em Novos Métodos de Genocídio
Matando por Algoritmo
16 de abril de 2024

Obtido em 18 de abril de 2024, em: petergelderloos.substack.com.
Título original: "Israel is pioneering new methods of genocide", de Peter
Gelderloos. Tradução por Paulo Bagre

bibliotecaanarquista.org

16 de abril de 2024

Israel está garantindo que será lembrado na história como um pioneiro do genocídio. Múltiplas fontes militares israelenses testemunharam que os militares israelenses estão usando IA para guiar ataques com mísseis e bombas contra os palestinos¹. Se a Inteligência Artificial dos militares israelenses determinar que uma pessoa é um membro militar do Hamas, os militares israelenses aprovarão sistematicamente um ataque com mísseis ou bombas para assassinar essa pessoa e quaisquer civis nas imediações.

O programa de IA utilizado pelas FDI, denominado “Lavender”, também pode determinar o número provável de civis que serão mortos num ataque. Isso tem sido uma política israelense para aprovar ataques que estimam a matança de até 15 ou 20 civis por cada membro de baixo escalão do Hamas, e matariam mais de 100 civis por cada membro de alto escalão do Hamas.

O quão preciso é o programa? Segundo o próprio governo israelense, Lavender tem 90% de precisão. No entanto, o governo israelense é uma fonte objetivamente desacreditada, que frequentemente dá informações erradas aos meios de comunicação social. Mas, mesmo de acordo com as suas próprias alegações, 10 supostos membros de alto escalão do Hamas, identificados por Lavender, poderiam resultar na morte de 1000 civis. Estatisticamente, um ataque em cada dez seria um caso de erro de identidade, pelo que os 100 civis mortos nesse ataque seriam um “erro”. E os 900 civis mortos em ataques contra nove líderes reais do Hamas seriam, segundo Israel, uma garantia justificada. O Hamas, no seu ataque de 7 de Outubro, mostrou quem era quando matou e agrediu uma grande quantidade de não-combatentes, mas mesmo estes foram menos insensíveis do que as FDI.

Mas a ideia de que Lavender tem 90% de precisão é contrariada pelos próprios relatórios de inteligência de Israel. Pouco antes da invasão de Gaza, a inteligência israelense e norte-americana estimava que a ala militar do Hamas consistia em 25 a 30 mil pessoas. E, no entanto, Lavender identificou 37 mil membros de baixo escalão do Hamas, segundo fontes, sugerindo que pode ter gerado bem mais de 12 mil identificações falsas.

Sabemos que este tipo de programa de IA funciona através de associação. Neste caso, culpa por associação. Os alvos não são identificados porque estão armados e realizam ataques contra as forças israelenses. Eles

¹ www.theguardian.com

ram 8.192)⁷ Os colonos também destroem sistematicamente campos e pomares de oliveiras palestinos, tentando deliberadamente minar a sua capacidade de se alimentarem.

Em 6 meses, a guerra israelense em Gaza matou 33.600 palestinos e feriu mais de 76.200, ao mesmo tempo que empurrou um milhão para condições de fome. A grande maioria dos mortos e feridos eram não-combatentes. Contudo, não quero enfatizar demasiadamente o fato de que a maioria dos mortos e feridos são civis desarmados. Os palestinos em Gaza e na Cisjordânia têm todo o direito ético de reagir aos invasores israelenses.

são identificados porque são vigiados em associação com aqueles que já foram identificados como Hamas.

Sabemos também que a IA tende a ser racista², e tende a ser muito menos precisa na identificação de pessoas racializadas. E fontes israelenses admitiram que, normalmente, gastariam apenas alguns segundos para carimbar cada pedido de ataque vindo de Lavender. Por outras palavras, o computador alegaria que algum jovem palestino era membro do Hamas, porque alguém, com quem ele foi visto conversando, foi identificado como membro do Hamas. A vigilância por drones o seguiria até sua casa, onde o computador registrou outras 15 pessoas, de avós a bebês, que também residiam naquele momento. O computador pediria permissão para autorizar um ataque. Um israelense analisaria algumas imagens de capturas de vigilância e o local do ataque, e daria sinal verde. Pouco depois, um jato lançaria uma bomba ou um drone dispararia um míssil. Todos na casa seriam assassinados, 16 mortos. E o único alvo seria, talvez, um membro do Hamas.

Este não é um exemplo dramatizado ou exagerado. Uma fonte dos serviços secretos israelenses admitiu que preferiam matar militantes palestinos nas suas casas, juntamente com as suas famílias, a atacar postos de comando militar. “É muito mais fácil bombardear a casa de uma família. O sistema foi construído para procurá-los nessas situações.” Eles também admitem que muitas vezes matariam mais civis do que lhes era permitido, de acordo com os seus próprios limites horríveis, porque não saberiam exatamente quantas pessoas havia numa casa. Além do mais, atacar alvos de baixo nível do Hamas (e, em muitos casos, pessoas que eram injustamente suspeitas de serem membros do Hamas) levou a mais vítimas civis, porque as FDI tendiam a guardar os seus mísseis de precisão para “alvos de alto valor” e a usar armas massivas em vez disso, bombas, que eram mais destrutivas, apesar de menos precisas, porém – a consideração mais importante para os militares israelenses – mais baratas.

O governo israelense tem uma prática antiga de visar famílias inteiras. Recentemente, mataram três filhos e vários netos³ de um líder do Hamas que vivia no estrangeiro, alegando que um membro do Hamas estava na casa. No total, Israel matou 60 membros da família de Ismail Haniyeh, incluindo 14 pessoas num ataque bombista contra a casa da família. A

⁷ www.theguardian.com

² www.media.mit.edu

³ www.theguardian.com

greve que visava os seus filhos e netos ocorreu quando eles viajavam para celebrar o feriado religioso do Eid.

Outra prática israelense de longa data é transformar a assistência humanitária em arma ou negar ajuda. Isto ganhou relevo no dia 1 de abril, quando atacaram deliberadamente um comboio de ajuda humanitária em Gaza, disparando mísseis de precisão contra um veículo após outro e matando 7 voluntários estrangeiros. Em 29 de fevereiro, tropas israelenses abriram fogo contra um local de distribuição de ajuda, matando 100 palestinos que procuravam alimentos para as suas famílias e ferindo 700. Durante a invasão de Gaza, cerca de 200 trabalhadores humanitários foram mortos.

Entretanto, os colonos israelenses na Cisjordânia estão ansiosos para participar da violência. Atacaram e incendiaram centenas de casas⁴ em dezenas de aldeias, matando vários palestinos e enviando dezenas de outros para o hospital com ferimentos de bala. As tropas e paramilitares israelenses mataram mais de 460 palestinos na Cisjordânia, desde o início desta última guerra.

Não para por aí: No início de abril, o governo israelense concedeu-se o direito de proibir meios de comunicação estrangeiros⁵ como a al-Jazeera. As forças israelenses prenderam, agrediram e assassinaram vários jornalistas da al-Jazeera durante a invasão de Gaza. Esta também foi uma prática frequente dos Estados Unidos durante a ocupação do Iraque.

No mesmo dia, 1 de abril, Israel bombardeou o consulado iraniano em Damasco, na Síria⁶. Embora seja claro que os direitos humanos e o direito internacional constituem um sistema falho (sendo Israel, os Estados Unidos, a antiga União Soviética e agora a Rússia os países que mais violam o direito internacional desde 1945), é um sistema em que os governos e organizações jornalísticas, em todo o mundo, estão explicitamente comprometidas com a defesa. De acordo com o direito internacional, um ataque à embaixada ou consulado de um país é considerado um ataque ao território desse país. Este momento é uma lente útil para ver a hipocrisia dos governos e dos meios de comunicação social, enquanto tentam distorcer o que era objetivamente uma violação do sistema em que afirmam acreditar.

⁴ www.aljazeera.com

⁵ www.cnn.com

⁶ www.cnn.com

Embora eu não ache que o Hamas seja uma organização que alguém deva apoiar, dado o uso da tortura, da violência sexual e do mundo autoritário pelo qual luta, há alguns pontos de contexto importantes que todos deveriam considerar. O Hamas cometeu muito menos violações dos direitos humanos do que os governos de Israel, dos EUA, do Reino Unido, da Rússia, da China... Eles venceram as últimas eleições que poderiam ser realizadas na Palestina. Receberam apoio clandestino dos militares israelenses, que acreditavam que poderiam melhorar a sua imagem se o seu inimigo fossem fundamentalistas reacionários, em vez de um movimento anti-colonial internacionalista. E Israel invadiu e ocupou permanentemente a Palestina. Uma Palestina governada pelo Hamas seria autoritária e muitos palestinos – com base no seu gênero, na sua sexualidade, nas suas crenças religiosas e políticas – não estariam seguros, nem livres. Mas fazer essas críticas sem denunciar Israel como um Estado genocida é hipócrita, uma vez que o nível de violência israelense é muito maior.

Como um anarquista, eu acredito que não apenas os fins não justificam os meios, mas que é uma ilusão pensar que podemos separar fins e meios. Independentemente disso, todos têm de aceitar a realidade da situação:

Tudo o que os palestinos fazem contra o Estado de Israel e os colonos israelenses, fazem-no num contexto de autodefesa. Eles fazem isso em um contexto de sobrevivência.

O contexto histórico:

Israel foi fundado em 1948, na Nakba, um ato organizado de limpeza étnica que roubou 78% das terras palestinas, forçou 750.000 pessoas a abandonar as suas casas (na sua maioria árabes muçulmanos, mas também muitos cristãos e Musta'arabim ou judeus palestinos) e matou ao menos 15.000 e, possivelmente, muito mais. Mesmo que fôssemos capazes de perdoar e aceitar as atrocidades de 1948, no último meio século, Israel transformou Gaza num campo de refugiados ao ar livre, ao mesmo tempo que continuava a roubar mais terras palestinas na Cisjordânia. Muitos dos meio milhão de colonos israelenses ilegais na Cisjordânia estão organizados em grupos paramilitares altamente armados, em média são extremamente racistas e matam um grande número de palestinos todos os anos. (Em 2023, em meados de setembro, estima-se que os colonos israelenses, ou soldados que trabalharam em conjunto com os colonos, mataram 189 palestinos nas suas próprias casas na Cisjordânia e feri-